

Hospitais adotam paciente abandonado por familiares

Arthur Herdy

"Maradona", 35 anos, mudo, desequilibrado mental, há quatro meses ocupa um dos leitos do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). Junto a alcólatras, doentes mentais, idosos e até crianças, ele faz parte da legião dos pacientes "esquecidos" pelas famílias nos hospitais da rede pública do Distrito Federal.

Com dificuldade de locomoção — ele não consegue mais andar — "Maradona" acabou no seu dia-a-dia se transformando no mascote dos funcionários do HRAN. Um deles, diariamente, dá banho e faz a barba do paciente que, segundo afirma a diretora do hospital, Jacira Leite Abrantes, deixou de ser um caso médico e se transformou em um problema social.

A diretora explica que um paciente que ocupa um leito, hoje, com o necessário atendimento médico-assistencial — mais alimentos e remédios — custa cerca de Cr\$ 40 mil por dia — o mesmo que uma diária em um hotel quatro estrelas em Brasília — ou Cr\$ 1,2 milhão por mês.

Em outros hospitais da rede os casos se sucedem há muitos anos, inclusive de mães que abandonam as crianças após o parto. No Hospital Regional da Asa Sul (HRAS), também maternidade, um menino chegou a ficar "internado" nove anos, passando a fazer parte do patrimônio humano daquela casa de saúde. Ele saiu por determinação da Vara de Infância e da Adolescência, para onde foi recolhido. Só este ano foram abandonadas 22 crianças, todas recolhidas a instituições de menores.

Fama

Segundo explica a assistente social do HRAN, Cassandra Ribeiro Cacaes, "Maradona" foi internado após passar pelo Hospital de Base. Ninguém sabe o seu nome, idade ou procedência. Daí, lhe colocaram o apelido de "Maradona", por ser baixinho como o jogador argentino.

"Maradona" já foi famoso por alguns minutos. Ele apareceu no programa "Aqui e Agora" do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Diante dos apelos do repórter, chegaram algumas cartas ao hospital e, uma mulher paulista, o achou parecido com seu marido que desapareceu há quatro anos. Ela veio a Brasília e constatou que, entre os dois, só existe uma pequena aparência física.

"Maradona" fica em uma macarente ao chão, em uma das salas do Pronto Socorro. Segundo disse a diretora do hospital, ele está lá não é por descaso, mas para que não caia. "O nosso rapaz é uma criança e recebe um tratamento mais carinhoso que os demais pacientes. Isso, diante de suas deficiências físicas e mentais", salienta a médica.

No terceiro andar do HRAN, onde fica a pediatria, os casos sobre crianças abandonadas são muitos. A médica Jaqueline Cavalcante, pediatra, lembra um fato que chegou a intrigá-la. Uma menina com Síndrome de Down — mongolismo — foi abandonada no hospital. Durante cinco meses uma servidora passou a visitar a menina com frequência. Nos finais de semana, a levava para casa.

Finalmente, a servidora conseguiu a adoção da criança, cuja doença tem caráter irreversível.

Tina Coelho



Maradona se transforma em mascote dos funcionários do HRAN